

A (RE)INVENÇÃO DO AGRICULTOR: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS NO INFORMATIVO COPAGRIL

Tarcísio Vanderlinde¹

Resumo: Este artigo resulta de uma investigação sobre práticas discursivas presentes no Informativo Copagrill e que tiveram como finalidade criar um ideário que levasse a superação de práticas camponesas consideradas ultrapassadas. A investigação integra um projeto de pesquisa mais amplo voltado para as complexidades que envolvem a comunicação nas mediações discursivas voltadas aos agricultores no extremo oeste do Paraná.

Palavras – chave: Discurso; Mediação; Camponeses; Modernização.

Abstract: This article results from an investigation into the discursive practises present in the journal called 'Informativo Copagrill' that held the purpose of creating a system of ideas which would lead to the surpassing of those peasant practises that are now considered outdated. The investigation integrates with a more ample survey project directed to the complexities that involve communication in discursive mediations towards the farmers of the far west of Paraná.

Keywords: Discourse; Mediation; Peasants; Modernization.

INTRODUÇÃO E LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA

O texto que se apresenta resulta de investigação realizada em fontes conhecidas como Informativo Copagrill. Posteriormente, o informativo passou a chamar-se de Jornal da Copagrill. No tempo presente denomina-se Revista Copagrill. O Informativo Copagrill, responsabilidade editorial da Cooperativa Agroindustrial Copagrill, cumpre a função de informar e “formar” os sócios daquela entidade dentro dos objetivos propostos pela instituição. A entidade tem sua sede administrativa no município de Marechal Cândido Rondon – PR, com entrepostos nos municípios de Guaira, Entre Rios do Oeste, Santa

¹ Professor do CCHEL, campus da Unioeste/ Marechal Cândido Rondon - PR. Endereço: Rua 7 de setembro, 3373 – 85960000 – Marechal Cândido Rondon, PR. Fone 45-3254-3985. ebenezer@certto.com.br Doutor em História pela UFF. Linha de pesquisa: “MMAPE – Mídia, Mediações, Ambiente e Práticas de Ensino”. Participa do GEMMA – Laboratório de Estudos Geográficos, Mídia, Migrações e Ambiente.

Helena, Mercedes, São José das Palmeiras e Pato Bragado no oeste do Paraná. Atende também os municípios de Mundo Novo e Eldorado no Estado de Mato Grosso do Sul.

Com um arcabouço teórico sugerido por Michel Foucault, o trabalho de investigação voltou-se para o informativo citado além de considerar outras fontes jornalísticas produzidas pela cooperativa. O informativo que esteve no alvo da investigação, porta um discurso mediador que busca a formatação de uma nova identidade para o sócio, que neste caso é o agricultor cooperado. O discurso mediado pelo informativo procura introduzir uma argumentação que convença os agricultores/camponeses, sobre a superação de práticas agrícolas típicas aos camponeses, por procedimentos considerados mais “profissionais” e sintonizados com o tempo do agronegócio. Antigas práticas camponesas que ainda permanecem na atualidade só são lembradas quando podem ser apropriadas de forma proveitosa diante dos novos parâmetros mercantilistas que pressionam os agricultores. Via de regra, o que se torna relevante no discurso é a agricultura técnica que emana dos avanços científicos a montante dos empreendimentos agrícolas.

SOBRE A ORDEM DO DISCURSO

Em seu célebre texto sobre a “a ordem do discurso”, Michel Foucault observa que em toda a sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Mas como não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, o discurso é sempre eivado de exclusões e interdições no sentido de alcançar seu objetivo. As interdições podem revelar a ligação com o desejo e com o poder. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual se quer apoderar” (FOUCAULT, 1996: 10).

Ao se avaliar um discurso é preciso levar em conta que ele é produzido obedecendo ao princípio de uma “disciplina”. Cabe ela (a disciplina) fixar os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma (re)atualização permanente das regras. A função restritiva e coercitiva do discurso explicita-se nesta dimensão. Na formulação do Informativo Copagrill, objeto de análise deste artigo, a disciplina fica bem caracterizada. O discurso é (re)atualizado, mas a finalidade permanece: superar as práticas camponesas para atender o que é preconizado pela economia de mercado.

Foucault nos indica que é dentro dos limites da disciplina heterogênea que se dá o exercício de poder. “Na realidade as disciplinas têm o seu discurso.

Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. São extraordinariamente inventivas ao nível dos aparelhos que produzem saber e conhecimento” (FOUCAULT, 1985: 189). Sobre o poder disciplinador, cabe destacar a relação existente entre a disciplina e o adestramento. O poder disciplinador, como equivocadamente poder-se-ia pensar a priori, não enlaça as forças para reduzi-las ou controlá-las, mas procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las melhor num todo. “Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes” (FOUCAULT, 2002: 143).

No que tange a exigência de método de análise é oportuno ressaltar o princípio da descontinuidade presente nos discursos. Não apenas descontinuidade, mas posicionamentos paradoxais podem ser considerados como práticas bastante corriqueiras nos discursos. Foucault nos alerta que os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. A formação discursiva seria de fato um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos (FOUCAULT, 1995:178-179).

A formação discursiva prevista por Foucault e que pode ser percebida nos informativos da Copagril, apresenta grande visibilidade nos discursos circunscritos à entidade a qual representa. A mediação discursiva que preconiza a formulação de um novo agricultor “profissionalizado”, não mais um colono, mas um agronegociante, alguém que deve estar voltado às transformações globais, pode surpreender ao se relembrar e recomendar práticas agrícolas que o discurso, paradoxalmente e oportunamente possa considerar como sendo arcaicas.

Observe-se, por exemplo, a chamada de capa e matéria respectiva da Revista Copagril de setembro de 2006, que substitui no tempo presente o Informativo Copagril objeto da investigação. A chamada “Agronegócio em família”, com a explicação de que o trabalho realizado em integração familiar tem oportunizado maior produtividade e sustentabilidade na propriedade rural, além de fortalecer a união e o amor através da cooperação, oculta a expressão “agricultura camponesa familiar” que talvez pudesse ser mais apropriada. Evidencia-se a expressão “agronegócio”, mais “adequada” para os tempos de mercado mundializado. A matéria observa que a união das famílias e a continuidade do trabalho realizado por diversas gerações fortalecem o cooperativismo e consolidam a permanência das famílias no campo. Esta última característica poderia ser paradoxalmente considerada como uma descrição típica de um “campesinato” de longa duração. Na reportagem, no entanto, a expressão fica oculta para dar maior visibilidade a “família de agronegociantes”. A matéria enfatiza que seria esta família profissionalizada que fortaleceria a cooperativa e vice-versa. Não deixa de ser oportuno registrar

na atual fase da revista, a existência de um ranking dos “melhores resultados” entre os agricultores associados e parceiros. A edição consultada apresenta os pecuaristas e avicultores que melhor se destacaram na produção de leite e de frango respectivamente durante os meses de julho e agosto de 2006. O ranking provoca uma “salutar” competição interna que assegura a competitividade requerida pelo mercado (REVISTA COPAGRIL, setembro de 2006).

Diante da descontinuidade e da diversidade dos discursos, Foucault propõe um arcabouço crítico que coloque em prática o princípio da inversão. Trata-se de procurar cercar as formas de exclusão, da limitação, da apropriação. Mostrar como os discursos se formaram, para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exercem efetivamente, em que medida foram contornadas. Há que se admitir serem indicativos muito objetivos para avaliar práticas discursivas. Mas há um outro conjunto de indicativos ainda proposto por Foucault e que parecem imprescindíveis de serem levados em conta nesta discussão. A este arcabouço, Foucault denomina de conjunto “genealógico” que propõem práticas e princípios indagativos como se formaram, apesar, ou com o apoio de sistemas de coerção, séries de discursos; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições de aparição, de crescimento, de variação (FOUCAULT, 1995: 60).

No que se refere a gênese dos discursos avaliados nesta investigação é pertinente verificar que mesmo com a roupagem de cooperativistas, estas empresas emergem numa fase de “necessidade” de modernização da agricultura para atender as demandas contemporâneas da expansão capitalista. Mas o velho ideal do cooperativismo é apropriado e aparece em diversos momentos ilustrando a modernização. Ou seja, é “possível” fazer a modernização sem precisar abrir mãos do antigo discurso. A exclusão enquanto prática discursiva, neste caso aparece fortemente. Ela aparece no seu contraponto a “inclusão”. É na inclusão, na fidelidade do agricultor aos “ideais cooperativistas” que ele alcançará seu objetivo de ser um novo agricultor profissionalizado, um agronegociante. Assim como outrora as fontes que “revelavam” a condição camponesa, é agora sob uma prática discursiva que eles “continuam falados”, (re)inventados pelo discurso que vem “de fora”, na condução da superação de sua situação arcaica (MAUGER, 2005).

Sobre a (re)invenção do agricultor “de fora” registre-se pesquisa que resultou em Tese de Doutorado realizada por Marli Terezinha Szumilo Schlosser. Seu alvo foram os discursos sistematizados e levados ao ar pela Rádio Difusora do Paraná no município de Marechal Cândido Rondon, PR. É oportuno destacar que o informativo impresso que utilizamos para esta investigação costuma ir ao ar em versão radiofônica naquela rádio. Existem, portanto convergências da análise dos discursos da rádio e os impressos que estudamos na realização da pesquisa. Em capítulo que releva o universo discursivo:

dispositivo explícito ou velado entre conexão e ruptura da memória local e memória institucionalizada, a autora problematiza consensos e dissensos por meio da ideologia, ironia e do simbolismo da comunicação. De acordo com a investigação que resultou neste escrito, as especificidades apontadas por Schlosser em sua pesquisa também puderam ser apuradas no Informativo Copagrill (SCHLOSSER, 2005).

Em diálogos com Chartier, Bakhtin e Foucault, Schlosser discute a formatação dos discursos veiculados pela rádio e que tinham como alvo o colono/camponês. A pesquisadora alerta que ao enveredar para a análise da construção discursiva, é preciso admitir que se trata de tarefa complexa uma vez que o pesquisador pode ser dotado por uma visão de mundo formatada pelos consensos engenhados pela própria mídia que deseja estudar. Uma das observações realizadas pela autora com relação à construção dos discursos é o “caráter de verdade” que é repassado ao ouvinte a partir de uma suposta alocação de neutralidade. Neste aspecto, a competência do discurso pode mobilizar conhecimento, o sentir, o ousar, o fazer a favor das estratégias mercadológicas. Sobre a ordem construtiva do discurso construído por personagens diversos, como no Informativo Copagrill, merece atenção o seguinte fragmento que destacamos da pesquisa da autora:

Na ordem, os atores figuram entre personalidades, locutores, comerciantes, representantes da cooperativa, agrônomos, líderes governamentais, municipais, estaduais, nacionais e outros. A platéia é composta por agricultores. O público recebe estímulos de um conjunto de personalidades (intelectuais), envolvidas também com outras instâncias (instituições) do jornalismo, formadas em cooperativas, empresas privadas, em órgãos municipais, estaduais e federais. Este conjunto de forças hegemônicas exerce influência no modo de viver local. A rádio, por meio do palco sonoro, fabrica emoções, através da construção verbal do discurso. O discurso não é racional, mas a repetição, a ação prolongada das cenas imobiliza o tempo e cristaliza idéias ou representações e as fixa em condutas racionais (SCHLOSSER, 2005: 7).

Situação análoga se percebe ao examinar as matérias veiculadas no Informativo Copagrill, referente ao recorte temporal delimitado para a investigação que relatamos no texto. A cooperativa como mediadora de informação confiável e advogada de agricultores de uma região que sofre injustiças no campo aparece em diversos momentos ao longo dos anos. O mesmo ocorre com informações técnicas mais precisas quanto ao uso do solo ou ao discurso paradoxal de responsabilidade ambiental com a “correta” utilização dos agrotóxicos. Corrobora-se assim com a autora supra, a conclusão de que para estudiosos da área, a cultura é transformada para atender o mercado formatado pelo capitalista, mesmo que se mantenha um forte e permanente discurso de ideais cooperativistas. Além disso, ressalte-se que a partir dos discursos cria-se certa homogeneidade de conduta. “Os conflitos

no campo das representações são abafados, fala-se em nome da maioria. Neste palco (evidentemente referindo-se à rádio), a difusão das representações cerca, com efeito, e visões adestradas, o público” (SCHLOSSER, 2005:20).

Sobre o papel despótico da mídia na fase da globalização, Milton Santos observa que um dos traços marcantes do atual período histórico é o papel verdadeiro despótico da informação. O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. De acordo com o autor, estaríamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer. O evento já é entregue maquiado ao leitor, ao ouvinte, ao telespectador, e é por isso que se produzem no mundo de hoje, simultaneamente, fábulas e mitos. Um deles é que se fala de um mundo sem fronteiras como imperativo da globalização. De fato elas mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas (SANTOS, 2000).

A instrução e o convencimento são constantes nos documentos pesquisados, que, avaliados resultaram na elaboração deste artigo. A informação construída que ao invés de instruir confunde, pode muitas vezes não ser produzida deliberadamente na fonte consultada, mas como muitas informações são apenas “recortadas” e transmitidas a partir de outras mídias, acabam criando as contradições que confundem. A contradição pode ocorrer justamente pelo aspecto fragmentário e pelo interesse, ou seja, pela ordem pela qual são repassadas as “informações”.

A PRÁTICA DISCURSIVA NO INFORMATIVO COPAGRIL

Em editorial referente ao mês de agosto de 1991, o Jornal da Copagril recorda a fundação da cooperativa em 9 de agosto de 1970 a partir da fala de seus dirigentes. A fala dos dirigentes evoca a criação da cooperativa como sendo um ato isolado de iniciativa local vinculado a crise dos suinocultores. “A Copagril surgiu em função da crise enfrentada pelos suinocultores, provocada, principalmente, pelas dificuldades que se faziam presentes, desde a aquisição de insumos, até a comercialização do produto”. A função estratégica do Estado através de seus mediadores é minimizada neste momento. Na seqüência a mecanização agrícola teria reforçado a necessidade do cooperativismo. “Em 1972 veio a mecanização e isso evidenciou ainda mais a necessidade do cooperativismo”. A Copagril é vista como marco fundador do cooperativismo na região. “Com ela, o cooperativismo começou a dar seus primeiros passos na região” (JORNAL DA COPAGRIL, agosto de 1991:3). No entanto, a mediação modernizadora da cooperativa ficaria mais explícita em momento

de comemoração de seu aniversário alguns anos antes, em 1984. Naquele momento a cooperativa era a mediadora que possibilitava o acesso dos agricultores a insumos “modernos”. “Em prédio alugado na rua D. João VI no centro de Marechal Cândido Rondon, a Copagril ainda, no ano de 1970, passou a prestar os primeiros atendimentos, passando a comercializar insumos **modernos**, sendo que neste mesmo local recebeu os primeiros produtos agrícolas de seus associados” (INFORMATIVO COPAGRIL, julho de 1984:9).

Diversas pesquisas já foram realizadas tendo a Copagril como objeto de investigação. Entre elas merece destaque dissertação de mestrado realizada por Arno Alexandre Gerke. Sua dissertação fundamentada numa bibliografia pertinente e outras fontes primárias, apresenta dados reveladores sobre a história da Copagril. Diversas informações apresentadas pelo autor confirmam contradições com o discurso expresso nos documentos que se pesquisou. No que tange a fundação da cooperativa, Gerke destaca que a maioria dos membros fundadores não era agricultores de ofício e que a “aplicação” dos princípios cooperativistas tiveram seus acertos e desvios (GERKE, 1992).

Gerke esclarece que os primeiros movimentos em prol do cooperativismo em Marechal Cândido Rondon, não partiram de produtores rurais ou de consumidores urbanos, mas de profissionais da educação e da assistência rural, ou seja, a idéia do cooperativismo passou a ser estimulada por estes mediadores que trabalhavam para o Estado. A crise da suinocultura ocorrida ao final dos anos 60 teria fortalecido e despertado entre os agricultores a via do cooperativismo, mas a interferência externa na articulação cooperativista pode ser comprovada. Gerke informa que no início dos anos 70, vieram para região representantes do Departamento de Assistência ao Cooperativismo – DAC e do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário – INDA, com o objetivo de divulgar e “despertar” o interesse dos produtores rurais pelo cooperativismo. Difundiram os princípios cooperativistas e explicaram a razão da organização em cooperativas agropecuárias. Gerke destaca que dezenas de palestras e reuniões foram realizadas pelos representantes e que havia um progressivo interesse pelo assunto (GERKE, 1992: 116-119).

Até o início do século XXI, o “Informativo Copagril” impresso foi uma espécie de diário oficial daquela entidade. Como já afirmamos, no tempo presente a publicação tradicional foi substituída pela “Revista Copagril” que já se encontra no quarto ano de circulação. Antes de se transformar em revista passou ainda pela condição de “Jornal da Copagril”. A transformação do jornal em revista contou com um serviço profissionalizado. A revista é apresentada em cores e em papel “lavável”. A mudança pode ser considerada impactante. Numa visão que poderá ser melhor esclarecida, percebe-se que o instrumento midiático está em conformidade com as novas políticas preconizadas pela entidade tendo em vista o atual estágio dos mercados

nacionais e internacionais. A revista de fato virou um portfolio, um folder que é atualizado periodicamente e que pode servir como “cartão postal” da entidade a grupos de visitantes do Brasil e do exterior. Mas ela continua tendo um papel essencial ao mediar os discursos da entidade entre os sócios. Comparando-se com a fase do informativo e do jornal é possível insinuar na transformação, um privilegiamento da imagem em detrimento do texto. Mas esta não é uma observação conclusiva. A questão poderá ser oportunamente melhor investigada.

Como já se apontou no artigo, a investigação procurou estar atenta às mediações discursivas da entidade e o seu principal objetivo: a (re)invenção do agricultor. Os discursos via de regra podem ser agregados na idéia de como a empresa pretendia conduzir a qualificação do seu sócio, de como enfim a Copagrill pretendia formatar o novo agricultor. Evidentemente outras informações periféricas dignas de análise ainda podem ser subtraídas das fontes consultadas, que no caso desta investigação foram consultadas no acervo particular da empresa². Porém é preciso ressaltar que a consulta às fontes documentais podem surpreender o pesquisador e induzi-lo a conclusões totalmente adversas do que havia imaginado. Esta é uma posição de pesquisador que se procurou manter durante a investigação. Márcia Maria Menendes Motta nos alerta que “as fontes são sempre surpreendentes. Não basta fazer a elas novas perguntas, mas é preciso ouvi-las, pois elas sussurram em nossos pobres ouvidos, insistindo que revelemos uma complexidade do universo social, muitas vezes estranha a uma opção teórica previamente definida” (MOTTA, 1998).

Sobre a prática cooperativista histórica, pode ser destacado que se trata de uma doutrina econômica que sustenta a associação livre e autônoma de pessoas, que se organizam em torno de um interesse comum, para promover solidariamente a realização de suas aspirações e a satisfação da necessidade de cada um, à medida que os objetivos e as necessidades de todos sejam alcançados. É um sistema de organização socioeconômica fundamentado nos princípios da adesão livre e voluntária, da gestão democrática e solidária, da participação responsável, da limitação de quotas-parte do capital de cada associado, da distribuição equitativa dos resultados, da honestidade e da confiabilidade, da transparência e da ajuda mútua.

O cooperativismo criou expressão no Brasil com a imigração européia, no início do século XX. Em 1902, o jesuíta suíço Theodor Amstad, fundou em Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, a primeira cooperativa brasileira de crédito. Schalleberger informa que o cooperativismo brasileiro teve grande expansão até o início da década de 1960, quando foi tomado de um período

² O Centro de Pesquisa e Documentação da Unioeste – Cepedal, conta com um acervo bem conservado dos informativos da Copagrill a disposição de pesquisadores.

de crise. Com a definição da Política Nacional de Cooperativismo e a instituição do regime jurídico das sociedades cooperativas (1971) houve um novo impulso ao cooperativismo, notadamente no da produção. A década de 1980 foi marcante para o sistema, uma vez que as cooperativas buscaram o seu fortalecimento através da constituição de centrais. Na década de 1990, além de registrar um grande avanço tecnológico no setor da produção, com reflexos sobre o desenvolvimento agroindustrial, o cooperativismo de crédito (Sicredi) teve novo impulso (SCHLLENBERGER, 2005: 128-132). No que tange especificamente ao cooperativismo agrícola, Sonia Mendonça conclui que ainda que o cooperativismo “autônomo” se tenha firmado como um projeto vencedor, as práticas a ele inerentes configuram de fato, o atrelamento das cooperativas agrícolas ao Estado, consolidando-as enquanto instrumentos de minimização dos conflitos entre pequenos e grandes produtores rurais e até mesmo de subordinação do pequeno ao grande produtor (MENDONÇA, 2005: 136).

Não se pode esquecer aí o papel mediador fundamental do cooperativismo nos processos de modernização agrícola. De acordo com Gerke, dentro da filosofia do nacional-desenvolvimentismo do início dos anos militares, o governo teria previsto as cooperativas como instrumentos de modernização da agricultura, do aumento da capacidade de armazenamento, da exclusão e/ou disciplina dos intermediários na comercialização dos produtos agrícolas e da capacitação para enfrentar os grandes grupos econômicos e as programou para serem grandes instituições (GERKE, 1992: 165). De acordo com Gerke coube às cooperativas o papel mediador da modernização agrícola, sendo que a instituição das mesmas se deu de forma compulsória no contexto dos planejamentos mais amplos do Estado. A implantação das cooperativas constituiu-se enfim “uma alternativa camuflada de sedimentar o sistema capitalista no setor agrícola” (GERKE, 1992: 4).

No diálogo com Kageyama (1987) e Lauschner (1981), Pieruccini e Moro avaliam o papel das políticas de incentivo à agroindustrialização na região oeste do Paraná. Constata-se que o Estado esteve presente em todas as fases das grandes transformações técnico-econômicas e sociais da agricultura. A participação do Estado identifica-se no planejamento de atividades rurais incluindo o segmento a montante, como no próprio financiamento das atividades agroindustriais. O papel do planejamento rural por parte do governo pode ser considerado como essencial na “organização em torno ao produto rural”. Na organização identifica-se especialmente o financiamento cooperativo. É relevante destacar que a participação do governo no financiamento da agroindústria cooperativa poderia pressionar a formação das indústrias com tamanho suficiente para concorrer no mercado externo e desestimular a proliferação da agroindústria cooperativa pequena, sem condições de enfrentar devidamente o mercado (PIERUCCINI, M. A; MORO, D, 2000).

No que tange a posição da Copagril no contexto, é oportuno verificar sua política de alinhamento ao sistema empresarial dotado de condições para competir no mercado e colocá-la de forma mais eficiente na “modernidade”. No início dos anos 90 a Copagril passa por uma reengenharia que pretendia colocá-la em afinação com os “novos tempos”. Contando com um trabalho desenvolvido por uma consultoria externa, produziu-se um “diagnóstico empresarial” que balizou a realização de planejamento estratégico que pretendia provocar mudanças estruturais na cooperativa empresa. A partir do planejamento estratégico decidiu-se que os negócios da Copagril seriam executados adotando-se a administração por resultados. As atividades e negócios considerados irrelevantes seriam desativados. Extinguiriam-se divisões e departamentos. Estabeleceriam-se microrregiões de controles e ações. A informatização seria agilizada e haveria maior objetividade nos controles e nas atividades. Para que as mudanças fossem de fato implementadas requereu-se o engajamento dos agricultores associados. Não se poderia modernizar a cooperativa sem que os agricultores que de fato a sustentam, não estivessem também dispostos a se (re)inventarem.

O processo de renovação já começou. O quadro social exigiu mudanças e agora será o maior beneficiário das mesmas. Cabe, portanto aos cooperadores, se engajarem aos **novos tempos**, convictos e conscientes de que, a dedicação, a eficiência e a responsabilidade de cada um será vital para a execução do planejamento estratégico que visa reestruturar e **modernizar** a cooperativa (JORNAL DA COPAGRIL, agosto de 1990: 3).

A ordem do discurso era a modernização e a readequação da entidade às demandas da economia moderna. O discurso cooperativista e a sua “potencialidade” enquanto entidade, não foi abandonada, mas requereu-se a sua associação a um “estilo de modernidade” que pretendia torná-la mais eficaz e fazê-la sobreviver como cooperativa e como empresa. Neste sentido, métodos de gestão atrelados ao passado foram desqualificados, sendo que a ordem era pensar o presente e o futuro.

Não diferente das demais empresas, a Copagril também teve que desencadear um processo de readequação à economia do País, o que está fazendo com o firme propósito de adotar um **estilo de modernidade**, com objetivos voltados à potencialidade do sistema cooperativista, isso tudo, pensando na reestruturação da empresa de maneira sólida e progressista e visando atingir marcas de significativa importância com a sua estrutura. Afinal, hoje só sobrevive aquele que é eficaz, que sabe trabalhar e que administra não o passado, mas sim, o presente e o futuro (JORNAL DA COPAGRIL, 1991:3).

Porém o antigo nem sempre é desqualificado na ordem do discurso. Sendo conveniente, o velho e o novo discurso frequentemente se articulam

no sentido de dar credibilidade aos empreendimentos cooperativistas. O Jornal da Copagrill de junho de 1989 relembra a instituição do Dia Mundial do Cooperativismo em 1923 enaltecendo a figura do Padre Theodor Amstad. A edição publica uma carta atribuída ao padre com carregado valor simbólico no que tange a ideologia cooperativista. De acordo com o documento, “a carta, rica em sua mensagem, já evidenciava, em 1900, o sistema de cooperação mútua, como a solução. Hoje, a mensagem não perdeu seu valor, a carta se imbuí mais profundamente do sentido em que a cooperação é a solução, visto que sozinho, pouco podemos”. Alguns fragmentos da carta que reforçam a necessidade de exportação acabam sendo evidenciados e “encaixam-se” nos intentos do momento: “Devemos produzir mais, para exportar mais e importar menos, senão nos endividaremos sempre mais. Prefiram os produtos nacionais aos estrangeiros” (JORNAL DA COPAGRIL, junho de 1989:2) No ano seguinte, o Jornal da Copagrill volta com a temática sobre a origem do cooperativismo dando ênfase ao início deste tipo de atividade no Estado do Paraná. O registro da primeira cooperativa teria sido na Colônia de Rio Negro, a 100 Km de Curitiba. “A partir de então, levadas intermitentes de imigrantes chegam, trazendo a semente da cooperação”. A matéria destaca o movimento cooperativista no Paraná a partir da metade do século XX:

Na metade do século XX, começam as migrações internas. Junto a um novo ciclo econômico – a cafeicultura – as últimas fronteiras no norte, oeste e sudoeste começaram a ser desbravadas, enquanto os últimos imigrantes alemães e holandeses chegaram ao centro sul constituindo suas cooperativas imediatamente. Em todos os cantos do estado, cooperativas surgiram como solução aos problemas do desenvolvimento (JORNAL DA COPAGRIL, junho de 1992: 18).

No caso do oeste do Paraná, a cultura da soja seria uma das “impulsionadoras” do cooperativismo. Note que de acordo com o fragmento, a proliferação de cooperativas no Paraná a partir da segunda metade do século XX, não se constitui um ato isolado, como às vezes podem insinuar indicativos na história de uma ou outra cooperativa. Há uma situação conjuntural em curso, e em cima do “ideal cooperativista” vão surgindo cooperativas para atender as novas demandas.

Um aspecto contraditório do discurso pode ser observado numa única matéria do Informativo Copagrill de janeiro de 1988. A matéria enaltece a “força do cooperativismo” diante das incertezas de uma “economia conturbada”. Os pequenos agricultores de fato só obteriam segurança no cooperativismo. A matéria ressalta que a força do cooperativismo não teria sido reconhecida de forma a valorizá-la como um eficiente instrumento do desenvolvimento, sobretudo como forma de aglutinação dos esforços desenvolvidos pelos pequenos produtores, transformando-os num poderoso e organizado segmento de sua própria atividade. Diante da figura de que o

cooperativismo “germinou em terra fértil e que emerge como solução socioeconômica para vastos contingentes da população brasileira no campo e na cidade” emerge a paradoxal idéia de que cabe às autoridades fomentar e abrir caminho para que novas cooperativas sejam constituídas. Paradoxal também, se considerado o discurso histórico do cooperativismo, parece ser o discurso que coloca na mão dos dirigentes a responsabilidade pela execução das políticas cooperativistas.

Às **autoridades** cabe incentivar o seu fomento e abrir caminho para a formação de novas cooperativas, no infindável universo onde elas podem atuar com eficiência. Mas a responsabilidade maior fica por conta do **dirigentes cooperativistas**, em todos os planos, como agentes executores do sistema. É hora de conquistar novas posições e de engajar-se na luta por um país sem distorções e sem desalento, especialmente no setor produtivo (INFORMATIVO COPAGRIL, janeiro de 1988:2).

No discurso mediado pela Copagrill, a cooperativa aparece em diversos momentos como a grande mediadora e defensora de uma região agrícola que passa por sucessivas crises. O cooperativismo se constitui um lugar seguro para o enfrentamento das crises. A cooperativa enquanto mediadora é às vezes imaginada como um ente vivo que passa por fases de amadurecimento, um “ser humano” em quem que os associados podem depositar sua confiança. “A Copagrill hoje, despontando da puberdade e chegando apenas à adolescência, já é um empreendimento, uma organização com uma mentalidade madura, altiva, e, sobretudo, com o futuro aberto, risonho e garantido pela frente, a lhe esperar de braços abertos” (INFORMATIVO COPAGRIL, julho de 1984:9).

Mesmo em meio às crises, a cooperativa parece ser um lugar seguro, uma vez que ela possibilita que se aumente a renda dos cooperados a partir da prestação da assistência técnica agrônômica e pecuária. No discurso dos dirigentes, esta mediação influi diretamente nos resultados das atividades do campo, através da difusão de tecnologias adequadas, que proporcionam maior produtividade a custos menores (JORNAL DA COPAGRIL, agosto de 1991:3).

Como já vimos, o discurso sobre a cooperativa refere-se a ela como um ente vivo, um lugar que inspira segurança para seus associados. Mas a mediação discursiva pode às vezes adquirir um tom de “passionalidade” com a intenção de criar constrangimento e de manter a fidelidade do agricultor à instituição. Sob o título “coisas que o agricultor cooperado deve lembrar antes de comercializar sua colheita” são feitas indagações que procuram comprometer o associado apelando para um “jogo emocional”. O fragmento de perguntas e respostas pré-respondidas de uma edição do Jornal da Copagrill referente ao ano de 1991 explicita a “passionalidade” do jogo na ordem do discurso:

Quem repassou a semente, o fertilizante e os defensivos para que você pudesse plantar?

Foi a sua Cooperativa.

Foram mais de 1 milhão de 300 mil toneladas de fertilizantes e corretivos, mais de 9 milhões de sacas de sementes, além dos defensivos para o controle de pragas e doenças.

Quem ofereceu assistências técnica a sua lavoura ao longo de todo o ciclo produtivo?

Foi a Cooperativa.

São mais de 1.400 profissionais, atuando junto às Cooperativas, para prestar assistência aos cooperados. Foram mais de 340 mil visitas às propriedades visando o bom desempenho da lavoura.

Quem procurou dar apoio na falta de financiamento governamental?

Foi a Cooperativa.

Apesar das dificuldades, foram investidos bilhões de cruzeiros através do fornecimento de insumos à prazo de safra, adiantamentos, vendas antecipadas, além do sistema de troca.

Quem sempre comercializou a sua safra com segurança?

Foi a sua Cooperativa.

As Cooperativas são responsáveis por mais de 60% da produção agropecuária paranaense, constituindo-se em uma das estruturas mais representativas do mercado, valorizando com isto a sua produção.

E na próxima safra? Quem será aliado?

Será a sua Cooperativa.

É hora, porém, de pensar no futuro e não depender tanto do governo. Isso só se consegue com muita união.

Fortaleça aquilo que é seu, entregue toda a colheita na sua cooperativa, ela fará de tudo para conseguir o melhor preço para o seu produto.

Cooperativa forte é agricultor forte (JORNAL DA COPAGRIL, 1991:2).

Não pairam dúvidas que o tom do discurso é de censura. Na **representação discursiva**, (re)inventar o agricultor para o sistema cooperativista é mantê-lo fiel. Resta saber se a mensagem atingiu efetivamente os infieis. Como o “puxão de orelha” tem um caráter pluralista (observe-se no texto a expressão “cooperativas”), é possível imaginar que se trata de uma articulação entre a Copagrill e outras cooperativas. Os dados quantitativos expressos na mensagem são muito significativos para expressar os “números” de uma única cooperativa.

Outra observação se refere à relevância da temática. O espaço selecionado no jornal para a veiculação da missiva está na mesma página em que normalmente é impresso o editorial da entidade. O discurso mencionado se reveste, portanto com um caráter de oficialidade. A mensagem não foi impressa aleatoriamente no espaço destinado aos editoriais. Algo estava

acontecendo no reino das cooperativas para que esta epístola fosse publicada. Pode-se imaginar, por exemplo, o assédio de outras empresas particulares aos cooperados. Mas esta é apenas uma suposição. De qualquer forma, o associado parece ter algum motivo de não ser totalmente fiel a sua cooperativa. Esta seria uma temática que outra investigação poderia esclarecer melhor. Numa “família” harmônica o pai normalmente não precisa puxar a orelha dos filhos. Como já sinalizava Foucault, existem recados nos discursos que não aparecem explicitamente escritos.

POR UMA BREVE CONCLUSÃO

O discurso que objetiva entre os agricultores a superação de práticas consideradas anacrônicas e por conseguinte a (re)invenção o agricultor, podem encontrar resistências mais explícitas, mas também silenciosas e sutis. As resistências silenciosas ou dissimuladas caracterizam-se como práticas camponesas identificadas em diversos estudos sobre o campesinato. A atividade investigatória deverá apresentar continuidade, mas numa conclusão já apontada por Rosemeire aparecida de Almeida, percebe-se também aqui a natureza ambígua do camponês que aparentemente diluída permanece: o camponês parece ao mesmo tempo um conservador e um radical. Nas dimensões simultâneas em que caminham lado a lado a ignorância e o saber, o atraso e o desejo de emancipação – aqui sofrendo influências de processos mediadores de entidades como cooperativas – é possível identificar no agricultor a “resistência ao se conformar” (ALMEIDA, 2006).

Ao tratar sobre um discurso que visa (re)inventar o agricultor somos inevitavelmente encaminhados à uma discussão que aponta para o campesinato. Neste caso, vale dizer que um espaço familiar camponês ou “colonial”, mantido mais ou menos estável por mais de um século sofre abalos diante dos discursos e demais processos que mediam a modernização no campo e que passam a ocorrer no sul do Brasil a partir da segunda metade do século XX. A situação provocará metamorfoses no mundo camponês, mas o camponês parece se adaptar e resistir. A “pluriatividade”, uma qualidade de longa data do camponês, parece continuar sendo um dos elementos presentes na vida do colono/camponês, pequeno agricultor no tempo presente e ajuda a mantê-lo na sua propriedade. Mas o seu “território” além de ser abalado por novos imperativos econômicos pode também ser recriado a partir de práticas sociais fundamentadas na sociabilidade que marcaram o camponês de outras épocas.

É preciso, porém admitir que na atualidade, o modo de vida “tradicional” do camponês deixou de existir em sua plenitude, mas algumas características de sua sociabilidade passam por uma “revitalização”, metamorfoseando-se

em um novo ambiente social e econômico em que atividades não mais exclusivamente relacionadas à terra podem também estar presentes. Visto sob a óptica de práticas discursivas, esta enfim é uma temática aberta a muitas investigações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. *(Re) criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GERKE, Arno. *Copagril: uma análise do cooperativismo no oeste do Paraná*. Dissertação (Mestrado em História), UFPR, 1992.

KAGEYAMA, A. *O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais*. Campinas: mimeo, 1987.

LAUSCHNER, R. Agroindústria cooperativa. In: PINHO, D. B. *Tipologia Cooperativista*. Manual do Cooperativismo.

MAUGER, Gerard. O outono dos motins. *Folha de São Paulo*, A30. 20 de novembro de 2005.

MENDONÇA, Sonia. Cooperativismo agrícola. In: MOTTA, Márcia(organizadora). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MOTTA, Márcia. *Nas fronteiras do Poder: conflito e direito à terra no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

PIERUCCINI, M. A; MORO, D. A. A participação das políticas de incentivo à agroindustrialização na região oeste do Paraná. *Boletim de Geografia*, UEM, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

SCHALLENBERGER, Erneldo. Cooperativismo. In: MOTTA, Márcia(organizadora). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo Schlosser. *Rádio, consensos e dissensos: o reverso do discurso e a crise da especialização agrícola (Extremo oeste do Paraná)*. Tese (Doutorado em Geografia), Unesp, 2005.

Fontes

FOLHA Online – BBC. Acesso em 16/9/2006.

INFORMATIVO Copagril. *A força do cooperativismo*. Marechal Cândido Rondon, janeiro de 1988.

INFORMATIVO Copagril. *Aniversário da Copagril: nossos primeiros 14 anos*. Marechal Cândido Rondon, julho de 1984.

INFORMATIVO Copagril. *Aniversário da Copagril: nossos primeiros 14 anos*. Marechal Cândido Rondon, julho de 1984.

JORNAL da Copagril. *Copagril novos tempos*. Marechal Cândido Rondon, agosto de 1990.

JORNAL da Copagril. *Dia mundial do cooperativismo*. Marechal Cândido Rondon, junho de 1989.

JORNAL da Copagril. *O cooperativismo no Paraná*. Marechal Cândido Rondon, junho de 1992.

JORNAL da Copagril. *Coisas que você agricultor Cooperado, deve lembrar antes de comercializar sua colheita*. Marechal Cândido Rondon, 1991.

JORNAL da Copagril. *Copagril: atuação marcante no passado, no presente... o futuro está em nossas mãos*. Marechal Cândido Rondon, agosto de 1991.

JORNAL da Copagril. *Copagril: atuação marcante no passado, no presente... o futuro está em nossas mãos*. Marechal Cândido Rondon, agosto de 1991.

REVISTA Copagril. *Família unida, produtividade garantida*. Marechal Cândido Rondon, setembro de 2006.

Artigo recebido em 30/04/2008

Artigo aceito em 08/08/2008